

**ENTRE OFÍCIOS, CULTURA E INDÚSTRIA:
POSSÍVEIS ANTECEDENTES DA CRIAÇÃO DOS CURSOS
SUPERIORES DA ÁREA DE MODA NO BRASIL¹**

Between crafts, culture and industry: possible antecedents to the creation of higher education courses in the fashion area in Brazil

Entre oficios, cultura e industria: posibles antecedentes de la creación de cursos de educación superior en el área de la moda en Brasil

Káritha Bernardo de Macedo²

¹ Este artigo integra os resultados obtidos durante o doutorado da autora, apresentados na tese intitulada “O ensino de criação em moda no Brasil: relatos e experiências na tessitura de um campo expandido”, cuja pesquisa foi realizada durante afastamento financiado pelo Instituto Federal de Santa Catarina- IFSC, campus Gaspar.

² Professora do Instituto Federal de Santa Catarina- IFSC, campus Gaspar, na área de vestuário desde 2015, foi coordenadora do Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda dessa instituição (2017-2018). Doutora em Artes Visuais, na linha Ensino de Arte pela Universidade do Estado de Santa Catarina, mestre em História (2014) e bacharel em Moda pela mesma instituição (2011), além de bacharel em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (2007). Tem experiência na área de História da Moda e na área de Ensino de Criação em Moda. Currículo Lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7252572511854491>; ID ORCIDO: <https://orcid.org/0000-0002-9583-5590> ; e-mail: kariitha.macedo@ifsc.edu.br .

RESUMO

Apresenta-se possíveis antecedentes da criação dos cursos superiores na área de moda no Brasil, atualmente também caracterizada como design de moda. Busca-se mostrar que esse percurso se entrelaça ao ensino do desenho, de fazeres manuais, das artes e do design. Dessa forma, propõe-se pensar essa trajetória para melhor compreender as bases do ensino contemporâneo, assim como os desafios enfrentados pela área de moda no País. Trata-se de um estudo bibliográfico da história de fundação dos cursos superiores da área de moda no Brasil. Fundamenta-se nos trabalhos de Pires (2002), Mattos (2015), Moura e Lago (2015) e Aguiar (2015). Finalmente, identifica-se que o ensino de moda entra na academia inicialmente por meio de disciplinas específicas dentro de outras graduações, posteriormente, na forma de cursos de extensão e apenas em meados de 1987 como graduação.

Palavras-chaves: Ensino superior. Formação em Moda. História do Ensino de Moda.

Abstract

The paper presents possible antecedents of the creation of higher education courses in the field of fashion in Brazil, also characterized as fashion design. It seeks to show that this path is intertwined with the teaching of drawing, manual crafts, arts and design. Thus, it is proposed to think about this trajectory of origin to better understand the bases of contemporary education, as well as the challenges faced in Brazil in the area of fashion design. This is a bibliographical study of the founding history of higher education courses in the area of fashion design in Brazil. It is based on the work of Pires (2002), Mattos (2015), Moura and Lago (2015) and Aguiar (2015). Finally, it is identified that the teaching of fashion design enters the academy initially through specific courses within other graduations, followed by extension courses and only in mid-1987 as a bachelor degree.

Keywords: Higher education. Fashion Training. History of Fashion Education.

Resumen

Se presentan posibles antecedentes de la creación de cursos de educación superior en el campo de la moda en Brasil, actualmente también caracterizado como diseño de moda. Se busca mostrar que este camino se entrelaza con la enseñanza del dibujo, manualidades, artes y diseño. Así, se propone pensar en esta trayectoria de origen para comprender mejor las bases de la educación contemporánea, así como los desafíos en el país en el área de la moda. Se trata de un estudio bibliográfico de la historia fundacional de los cursos de educación superior en el área de la moda en Brasil. Se basa en el trabajo de Pires (2002), Mattos (2015), Moura y Lago (2015) y Aguiar (2015). Finalmente, se identifica que la enseñanza del diseño y la moda ingresa a la academia inicialmente a través de disciplinas específicas dentro de otras graduaciones, seguido de cursos de extensión y a mediados de 1987 como pregrado.

Palabras llave: Formación universitaria. Formación en moda. Historia de la Educación de la Moda.

INTRODUÇÃO

A intenção deste artigo é delinear um contexto que antecede a criação dos cursos superiores na área de moda no Brasil, eminentemente caracterizada na atualidade como design de moda. A primeira graduação brasileira na área de moda foi fundada em 1987³, na faculdade privada Santa Marcelina (FASM), na cidade de São Paulo. Os cursos superiores na área de moda foram criados no Brasil há cerca de três décadas, mas antes de sua criação houve uma longa tradição que os antecedeu. No Brasil, pode-se relacionar escolas ligadas ao ofício de moda desde o fim do século XIX, inicialmente na forma de cursos profissionalizantes, posteriormente com a oferta de cursos técnicos e cursos livres. Foi após esses primeiros movimentos que o ensino em moda se inseriu na academia, primeiro por meio de disciplinas específicas dentro de outras graduações, a seguir por cursos de extensão e, finalmente, como graduação em meados de 1987 (PIRES, 2002, p. 3–5; SANCHES, 2006, p. 41).

Assim, a trajetória que precede a fundação desses primeiros cursos superiores se entrelaça ao ensino de fazeres manuais, das artes, do desenho e do design. Por ser uma história com muitas lacunas e ainda em construção, almeja-se apresentar uma leitura desse percurso de instalação dos primeiros cursos e de seus possíveis antecedentes. Não se almeja apresentar uma história fechada ou conclusiva. Procura-se traçar relações com o contexto no Brasil que gerou a demanda por qualificação e especialização no setor, para que em discussões futuras também se possa refletir sobre a atuação das políticas educacionais na área.

Estudar as origens e a trajetória do ensino, auxilia a compreender os fundamentos e as bases que sustentam os cursos superiores nacionais contemporâneos, os modelos de ensino projetual e as realidades atuais do universo da moda brasileira, assim como, alguns desafios e contradições que se enfrentam atualmente (Cf. MOURA; LAGO, 2015, p. 38). Portanto, a partir de uma dimensão política e crítica, são apresentados dados históricos com o intuito de iniciar um diálogo sobre o ensino superior na área de moda.

Para tanto, realiza-se um estudo bibliográfico da história de fundação dos cursos superiores da área de moda no Brasil. A discussão sobre o surgimento e o movimento de crescimento dos cursos em questão, firma-se no trabalho precursor de Pires (2002). A partir dele, outras pesquisadoras foram provocadas a atualizar periodicamente a história da

³ As datas de início dos primeiros cursos superiores de moda são dissonantes entre Pires (2002) e Sanches (2006). Pires afirma que o curso de Desenho de Moda da FASM iniciou-se em 1988 e Sanches em 1987. Acredita-se que Sanches tenha utilizado a data de autorização de curso pelo Ministério da Educação (MEC), enquanto Pires aparenta ter se baseado no início “material” da oferta dos cursos. Para esta pesquisa nos pautamos pelos dados de Sanches por ser uma pesquisa mais recente que tomou os dados do MEC explicitamente como fonte.

formação do campo acadêmico da moda no País e suas regulamentações, cada uma com um enfoque diferente, tais como Mattos (2015), Moura e Lago (2015) e Aguiar (2015), as quais também são referências para este estudo.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 OFÍCIOS E FAZERES MANUAIS, QUESTÕES DE CLASSE E DE POLÍTICA

Os primeiros registros do ensino de ofícios ligados ao universo da moda e do design no Brasil são os liceus de artes e ofícios, com a oferta de oficinas de alfaiataria, sapataria e artes gráficas. Naquela conjuntura, a introdução do diploma de artífice legaliza e, de certa forma, valoriza a condição do artesão. Há registros de que os primeiros liceus foram fundados nos estados da Bahia, do Rio de Janeiro e de São Paulo, entre as décadas de 1870 e 1880. O Liceu de Artes e Ofícios da Bahia foi criado em 1872, em Salvador. Em São Paulo, Moura e Lago (2015, p. 42–43) indicam que o primeiro liceu foi fundado em 1873, sob o nome “Sociedade Propagadora da Instrução Popular”, sendo convertido em 1882 para “Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo” com a introdução progressiva de uma variedade de cursos profissionalizantes. A formação desenvolvida nesse liceu tinha enfoque na arte, no ofício e na técnica com visão humanista. O Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo ganhou grande importância nacional, sendo que em meados da década de 1970 já oferecia uma variedade de cursos de nível médio e técnico em estreita relação com o design e a moda. Diante disso, formou muitos artesãos e artistas que participaram dos movimentos artísticos e de design de São Paulo, os quais difundiram modelos de desenvolvimento de produtos referentes à criação, produção e sua comercialização (MOURA; LAGO, 2015, p. 43).

Os liceus criados pelos padres salesianos também tiveram grande importância nessa ocasião. Primeiramente, visavam a formação do proletariado, mas com o passar do tempo, não conseguiram competir com as escolas profissionalizantes do Estado. Desse modo, acabaram se convertendo em escolas que atendiam principalmente os filhos da burguesia no ensino secundário, eventualmente alterando sua nomenclatura para colégios. Dentre esses, destaca-se os dois primeiros liceus salesianos que se tem registro: o Liceu de Artes e Ofícios Santa Rosa, fundado em 1883 em Niterói, no Rio de Janeiro; e o Liceu de Artes, Ofícios e Comércio Coração de Jesus, fundado em 1886 na cidade de São Paulo (CUNHA, 2005, p. 53). Ambos atendiam o ensino masculino, apenas na década de 1970 que o Liceu Coração de Jesus passou a receber também o público feminino. De acordo com Cunha (2005, p. 53), no Liceu de Artes e Ofícios Santa Rosa, estabelecido no Rio de Janeiro, foram instaladas oficinas para a aprendizagem dos ofícios de mecânica, mar-

cenaria, alfaiataria e tipografia. O Liceu Coração de Jesus, em São Paulo, em princípio, ensinava: Tipografia, Encadernação, Marcenaria, Alfaiataria, Sapataria, Fundação De Tipos e Marmoraria (CUNHA, 2005, p. 55).

Os aprendizes atendiam a pedidos externos e realizavam a comercialização de seus serviços e produtos para levantar fundos que mantivessem o liceu. Assim, as oficinas ligadas às artes gráficas e à confecção de vestuário acabaram ganhando relevância por serem as mais rentáveis (CUNHA, 2005, p. 56). A proposta pedagógica dessas escolas promovia uma forte integração entre artesanato, tecnologia e industrialização, de certa forma, adentrando o pensamento projetual, os campos da arte, do design e da moda (MOURA; LAGO, 2015, p. 42).

No início do século XX, o avanço da industrialização no Brasil, sobretudo, na cidade de São Paulo, impeliu o Estado a redefinir seus “processos de instrução para a formação da mão-de-obra qualificada para o trabalho, bem como os papéis de gênero”, a fim de atender as necessidades sociais e urbanas que surgiam nessa nova configuração social (MATTOS, 2015, p. 19). Pretendia-se promover a formação da força de trabalho por meio do ensino prático industrial, agrícola e comercial (CUNHA, 2005, p. 64). Nesse cenário, o propósito das instituições de ensino seria criar uma subjetividade disciplinada e que, de certa forma, atendesse às classes dominantes e dirigentes. Assim, a abordagem que se passou a adotar foi que as escolas deveriam moldar os corpos e as mentes das crianças e dos jovens, para que eles se tornarem trabalhadores produtivos da sociedade industrial ou de suas linhas de montagens (MATTOS, 2015, p. 19).

Seguindo essa linha de pensamento e na esteira dos liceus de artes e ofícios, o presidente Nilo Peçanha (1867-1924) criou as escolas de aprendizes e artífices no Brasil, oficializado pelo Decreto n.7.566, de 23 de setembro de 1909, o qual deu início à rede federal das escolas técnicas. Essa iniciativa desejava levar uma escola para cada estado da federação, como resultado foram colocadas em funcionamento 19 escolas logo no ano seguinte, em 1910 (CUNHA, 2005, p. 63, 194). Dentro do currículo das escolas profissionalizantes, a maioria oferecia o ensino de Alfaiataria e Sapataria para o público masculino e Economia Doméstica, Costuras, Chapelaria e Artes Aplicadas para o público feminino (CUNHA, 2005, p. 71, 83).

Nesse universo, Mattos (2015, p. 20), Moura e Lago (2015, p. 44) realçam a criação em 1911, na cidade de São Paulo, da Escola Profissional Feminina de São Paulo (EPFSP), atual ETEC Carlos de Campos, e da Escola Profissional Masculina (ETEC Carlos de Campos). Consoante as autoras, ambas as escolas tinham o objetivo de preparar os filhos dos trabalhadores para também se tornarem operários e dentre eles haviam vários imigrantes. Na Escola Profissional Masculina havia a formação de alfaiates. Por sua vez, a Escola Profissional Feminina de São Paulo recebia meninas acima de 12 anos que pos-

suíssem o diploma do Grupo Escolar ou equivalente e nessa primeira fase qualificava as alunas em cursos de: Corte e Confecção, Roupas Brancas, Rendas e Bordados, Chapéus e Flores e Ornatos, Desenho, Datilografia, Culinária e Economia Doméstica. Na escola feminina, os únicos cursos sem relação direta com a moda eram os de Datilografia e Culinária. Valorizando os produtos de moda confeccionados, a escola realizava desfiles e exposições anuais para levar ao público o trabalho das alunas (MATTOS, 2015, p. 20; MOURA; LAGO, 2015, p. 44).

Esses cursos foram a base de várias outras escolas profissionalizantes paulistas que surgiram a partir dos anos 1920, quando houve um processo de expansão de mais 62 escolas somente pelo Estado de São Paulo, difundindo o ensino artístico por meio de diferentes práticas (MATTOS, 2015, p. 20–22). A Escola Profissional “Mixta” de Sorocaba, criada em 1929, inovadoramente passou a ofertar também o Curso de Tecelagem, buscando atender à necessidade de qualificação para a indústria têxtil que crescia na região (MATTOS, 2015, p. 23).

Para um bom desempenho nessas qualificações e nas artes aplicadas, Mattos (2015, p. 21–22) sublinha a importância que as disciplinas de desenho adquiriram nos cursos, como Desenho Geométrico e Desenho Profissional, pois eram fundamentais para a elaboração do traçado e do corte, modelagem das peças, dos motivos dos bordados e rendas. Do mesmo modo, a autora frisa que o desenho também estava na base do ensino e da construção de artefatos, móveis e objetos do campo da arte e do desenho industrial que perpassavam o ensino profissionalizante. De fato, no projeto de escola pensado por Rui Barbosa (1849-1923), o desenho deveria ser ensinado desde a infância, “visando a futura preparação do trabalhador e ressaltando a importância dessa linguagem artística universal como disciplina de formação e objetividade de pensamento.” (apud MATTOS, 2015, p. 22). Nas escolas profissionalizantes, os conteúdos do desenho eram abordados de novas formas, sendo elementares nas aulas de oficinas tanto da escola feminina quanto da masculina (MATTOS, 2015, p. 22).

Nesse sentido, percebe-se a construção de um pensamento projetual dentro da formação de artes e ofícios, em que o desenho era visto como o fundamento para a expressão. Apesar do projeto de fomentação de uma subjetividade disciplinada, havia nessas propostas pedagógicas uma convergência entre os saberes das humanidades, das artes e das técnicas para a formação de um profissional que não era apenas um humanista, um artista ou um tecnólogo, mas um pouco dos três simultaneamente. Além disso, essas escolas atendiam à demanda de suas regiões, por isso o entorno e a localização tinham relação direta com a proposta pedagógica e a oferta dos cursos (MOURA; LAGO, 2015, p. 47), de modo que ocorria um incentivo para o desenvolvimento local.

Dessa forma, pode-se verificar que entre o século XIX até metade do século XX, a formação profissional nas áreas que atualmente compreendemos como design e moda, estava ligada à formação técnica “por meio da integração das artes e ofícios e a comercialização dos produtos desenvolvidos por essas escolas, integrando a atividade artesanal à atividade produtiva, comercial e industrial.” (MOURA; LAGO, 2015, p. 47). Portanto, considerando todas as instituições que promoviam esse tipo de ensino, não seria possível entender que já na metade do século XX dispúnhamos da institucionalização do ensino de ofícios da área de moda? Nesse sentido, vale refletir sobre as lacunas e a falta de registros na história da formação dos cursos superiores nas áreas de design e de moda, pois como cogitam Moura e Lago (2015, p. 38), isso pode ter acontecido

[...] porque os objetos e produtos gerados por essas áreas são tão presentes no cotidiano e tão próximos das tarefas e ações que executamos, que podemos inferir que essa proximidade ao corpo e ao ambiente da casa e dos entornos não permitiu que as pessoas os observassem com leituras mais atentas e críticas, registrando e historiando os aspectos e relações possibilitados por esses objetos e produtos. (MOURA; LAGO, 2015, p. 38).

Por outro lado, a resistência das narrativas de associar as práticas dos liceus de artes e ofícios, das escolas de aprendizes e artífices ou dos cursos livres à história do ensino formal do design e da moda, talvez tenha ocorrido em certa medida, por conta de um olhar elitista da academia, que queria conquistar um espaço no mundo intelectual e se afastar de uma relação com o trabalho braçal tão desvalorizado, com as classes operárias e mais humildes que o exerciam, bem como, de uma noção marginalizada que se constituiu social e historicamente em torno desses ofícios.

2.2 EFERVESCÊNCIA CULTURAL E ATIVIDADE INDUSTRIAL: O DESIGN E A MODA EM ESBOÇO

Até meados dos anos 1980, quando surgiram cursos técnicos mais especializados na área de moda e, eventualmente, os cursos superiores, muitos brasileiros e brasileiras ainda sentiam necessidade de viajar ao exterior para estudar ou se aperfeiçoar nessa área. O principal destino era a França, para onde foram o costureiro gaúcho Rui Spohr (1929-2019), em 1952, e o paulista José Gayegos (1945), em 1971 (BONADIO, 2010; PIRES, 2002). Araujo, Passini e Schemes (2009, p. 7) apontam que Spohr, com apenas 22 anos, foi o primeiro brasileiro que se tem notícia a ir estudar moda em Paris, em princípio na *Chambre Syndicale de la Couture Parisienne* (Câmara Sindical da Alta-Costura Parisiense) e em 1953, na *École Guerre-Lavigne* (hoje, *École Supérieure des Arts et Techniques de la*

Mode, ESMOD)⁴. Nesse período, o Brasil dependia muito das técnicas, materiais, métodos e tecnologia da Europa. Dentro desse contexto e até a contemporaneidade, Paris, Londres, Milão, Nova Iorque e Tóquio sobressaem como centros de excelência de formação na área de moda (PIRES, 2002, p. 1).

A tradição dos profissionais europeus fez parte de importantes marcos do ensino de moda no Brasil, alinhavando consigo relações com as artes e com o que hoje compreendemos por design. A atividade de designer de produtos é recente e emerge com a revolução industrial, que permitiu a produção em escala. Como a industrialização no Brasil foi tardia, aconteceu entre as duas grandes guerras mundiais, os cursos superiores também surgiram mais tarde (PIRES, 2002, p. 3). Nessa conjuntura, as instituições culturais voltadas para a arte e suas intersecções com moda e design, também tiveram um agenciamento na trajetória de criação dos cursos superiores dessa área.

Moura e Lago (2015, p. 48) discutem como o surgimento de instituições culturais na capital de São Paulo atuou sobre a formação em design e em moda nessa cidade e colaborou para que o surgimento do primeiro curso superior fosse ali. As autoras enfatizam o final dos anos 1940 e o início da década seguinte, com a abertura em 1947, do MASP- Museu de Arte de São Paulo; em 1949, do MAM- Museu de Arte Moderna de São Paulo e da Companhia Cinematográfica Vera Cruz; em 1951, da I Bienal Internacional de Arte de São Paulo (no MASP), do TBC- Teatro Brasileiro de Comédia e do IAC- Instituto de Arte Contemporânea, que funcionava dentro do MASP. (MOURA; LAGO, 2015, p. 48–49).

O MASP teve um importante papel na difusão e integração do design e da moda no Brasil. A criação do IAC colaborou nesse sentido, pois foi um projeto do MASP que teve curta duração pela falta de verbas públicas, de 1951-1953, mas foi pioneiro na formação profissional dos designers brasileiros e ensejou o contato com correntes de pensamento que, eventualmente, prevaleceriam no ensino formal de design. Em sua breve vigência, o IAC recebeu Max Bill (1908-1994) como professor visitante durante sua vinda para a II Bienal de São Paulo. Considerando que em 1953 Max Bill fundou e passou a dirigir a Escola de ULM, ou HFG-ULM (*HFG– HOCHSCHULE FÜR GESTALTUNG*, Escola de Design sediada na cidade alemã de Ulm, tradução nossa), é coerente arrazoar que o IAC recebeu influências desse modelo de pensamento projetual. Nessa oportunidade, Max Bill também esteve no Rio de Janeiro e “[...] deu o seu aval para outro projeto importante de ensino de design, a Escola Técnica de Criação do MAM (Museu de Arte Moderna)”. (CARDOSO, 2008, p. 190).

4 Na França, o ofício da moda foi ensinado em escolas femininas desde o século XVII (PIRES, 2002, p.1). Tal tradição, levou à criação em 1841, em Paris, do que viria a ser a ESMOD - École Supérieure des Arts et Techniques de la Mode (Escola Superior de Artes e Técnicas da Moda). Inicialmente para a formação de alfaiates, foi uma das primeiras escolas de moda que se tem registro. A escola ainda está em funcionamento, sendo considerada uma escola de excelência e internacionalmente reconhecida pela ênfase em criação, criatividade, técnica, inovação e *know-how* na área. É um de seus traços procurar celebrar a moda e fazer com que as culturas e suas diferenças interajam (BOF, 2019; QS TOPUNIVERSITIES, 2019).

Nesse contexto, também são relevantes na formação de uma nova cultura que preza pela arte, design e moda, algumas aquisições, eventos e exposições realizadas pelo MASP. Em 1951, o MASP sediou um Desfile da Coleção Dior e incorporou ao acervo o traje “Mulher do ano de 2045”, de Salvador Dalí; em 1952, realizou o Desfile de Moda Brasileira e incorporou ao seu acervo 82 vestidos da Rhodia; na década de 1960 e 1970, realizou várias exposições como a de Desenho Industrial Sueco, em 1962, a Coletiva Olivetti, em 1966, Mobiliário Brasileiro, em 1971, Bauhaus e Tempos Modernistas, em 1974, entre outras (MOURA; LAGO, 2015, p. 49–50; NIEMEYER, 2007, p. 66).

Para Niemeyer (2007, p. 66), o conjunto dos cursos do IAC e as exposições do MASP “estimularam a discussão sobre a relação design, arte, artesanato e indústria.” Somando a isso, Moura e Lago (2015, p. 49–50) constataam que havia também a valorização da relação entre design e moda, assim como, um estímulo à capacidade intuitiva e a participação social dos profissionais que estavam sendo formados no IAC e no MASP. Toda a efervescência cultural junto com a crescente atividade industrial, econômica e comercial do Estado de São Paulo, estimularam a qualificação profissional para o desenvolvimento de projetos industriais, gráficos, de ambientes e de moda (MOURA; LAGO, 2015, p. 48).

Nesse contexto, Cardoso (2008, p. 190) entende que aconteceram algumas tentativas de se implantar o ensino do design no Brasil, sobretudo em São Paulo, sendo o IAC uma delas. A primeira entrada do design em um curso superior no Brasil foi o projeto que incluiu o design na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), em 1962. A iniciativa da FAU-USP consistiu em criar uma sequência de desenho industrial que integrava a graduação em arquitetura, inspiradas nas ideias de João Batista Vilanova Artigas (1915-1985) (CARDOSO, 2008, p. 190; NIEMEYER, 2007, p. 67).

O primeiro curso integralmente de desenho industrial do Brasil, e também da América Latina, foi criado no mesmo ano, em dezembro de 1962, denominado Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI). Inicialmente, foi instalada como uma instituição isolada, pertencente à estrutura da Secretaria de Educação e Cultura da Guanabara (RJ). Com a fusão dos Estados do Rio de Janeiro e da Guanabara, foi integrada à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em 1975. A concepção da ESDI foi orientada pela filosofia e pelo currículo da Escola de Ulm (HFG-ULM).

A escola de design alemã foi fundada no pós-guerra em 1953, sob a direção de Max Bill, e se estruturou a partir de uma revisão das ideias da Bauhaus, visando a reconstrução da sociedade sob uma perspectiva industrial. Em vista disso, legou à ESDI uma estética funcionalista e racionalista de design que perdurou no Brasil até meados dos anos 1990 e, de certa forma, inibiu maiores aproximações com a arte, com os fazeres artesanais e tradicionais (MOURA; LAGO, 2015, p. 53; NIEMEYER, 2007, p. 118–122; UERJ; ESDI, 2017). Em contrapartida, a ESDI se integrou ao clima de desenvolvimento em que o Bra-

sil se encontrava, correspondendo aos desejos políticos do então governador do Rio de Janeiro, Carlos Frederico Werneck de Lacerda (1914-1977), em seu projeto de desenvolvimento pautado pelo modernismo. Igualmente, essa perspectiva de design atendia ao plano de expansão econômica e industrial iniciado por Juscelino Kubitschek (1902-1976) em seu mandato como presidente (1956-1961) (MOURA; LAGO, 2015, p. 52–53; NIEMEYER, 2007, p. 63).

A participação do estilista Pierre Cardin (1922-2020) como professor convidado da ESDI viabilizou uma aproximação inicial com a área da moda, possibilitando alguns projetos acadêmicos relacionados à área têxtil e do vestuário (PIRES, 2002, p. 3). Nessa ocasião, o estilista italiano naturalizado francês estava em plena ascensão no mundo da moda e do design de produtos, sendo reconhecido por uma estética futurista, minimalista e por conectar a alta-costura com a indústria por meio do sistema de produção *prêt-à-porter*⁵ (STEELE, 2005, p. 223–225). A frase de Pierre Cardin: “Eu acredito primeiro na forma, na arquitetura, na geometria de um vestido”⁶ (apud LOBENTHAL, 1990, p. 151 tradução nossa), é um indício da conexão do estilo de criação de Cardin com a filosofia de design e de ensino da ESDI.

Dois anos depois da criação da ESDI, a partir de 1964⁷, os cursos de bacharelado e licenciatura em “Desenho e Plástica” da Faculdade Santa Marcelina (FASM) passam a contar com a disciplina “Desenho de Modas”, criada e introduzida pela irmã suíça Jeanne Eugénie Villien (1906-1972)⁸. Em 1973, após o falecimento de Villien, Vera Lúcia Pieruccini Gibert (nascimento não identificado) herda a disciplina. Esse foi o gérmen para que o curso mencionado se tornasse em 1987 o primeiro curso de bacharelado em “Desenho de Moda” do País, sob a coordenação de Gibert (AGUIAR, 2015, p. 3; MARTINS; MARTINS, 2015, p. 114; MARTINS; MARTINS; BRAGA, 2017, p. 130).

5 O termo *prêt-à-porter*, origina-se na França, sendo atualmente associado ao *ready-to-wear*, que nasce nos Estados Unidos na transição para a década de 1930. Sant’Anna (2011) propõe uma discussão mais aprofundada acerca das diferenças iniciais entre as duas expressões e suas conotações econômicas, sociais e culturais. As expressões significam pronto para levar ou pronto para vestir e remetem ao sistema de produção em massa de roupas, de forma serializada em tamanhos pré-definidos. O modelo se coloca em oposição à Alta-Costura, cuja produção ocorre no sistema de produção artesanal e sob medida (CALDAS, 1999; FEGHALI, 2008; JONES, 2005; SEIVEWRIGHT, 2009).

6 “I believe first in shape, architecture, the geometry of a dress”. (LOBENTHAL, 1990, p. 155).

7 Pires (2002, p.4) afirma que a disciplina de Desenho de Modas foi introduzida em 1967. Entretanto, Aguiar (AGUIAR, 2015), Martins e Martins (2015, p. 114), e Martins, Martins e Braga (MARTINS; MARTINS; BRAGA, 2017) indicam que a oferta se iniciou em 1964. Os dois últimos trabalhos são baseados em entrevista com Vera Lúcia Pieruccini Gibert.

8 Informações sobre nascimento e falecimento de Eugénie Jeanne Villien disponíveis no site de genealogia Geneanet (VILLIEN, [s. d.]).

2.3 PROFISSIONALIZAÇÃO E TÉCNICA, NOVOS RECURSOS PARA CRIAR

Enquanto no ensino superior brasileiro ainda não haviam cursos regulares na área de moda, no campo profissional também não se exigia uma qualificação universitária ou formal para se exercer a profissão de “estilista”, como era conhecido o profissional que trabalhava com moda no Brasil e que atualmente se denomina “designer de moda”. Assim, na falta de estilistas qualificados, a indústria supria-se de leigos e autodidatas, os quais poderiam ter as mais variadas formações, como arquitetos, pedagogos, psicólogos, desenhistas industriais, economistas, artistas plásticos e advogados (GIBERT, 1993, p.178 apud PIRES, 2002, p. 2). Entendia-se que qualquer pessoa com talento artístico poderia exercer essa atividade e aprender a profissão com a prática (AGUIAR, 2015, p. 4; BORGES, M. D. S., 2017, p. 112; PIRES, 2002, p. 2). Nessa conjuntura, copiar a “última moda de Paris” ou de algum outro lugar da Europa, não era apenas uma estratégia de criação, mas era também um *slogan* utilizado para promover as vendas (AGUIAR, 2015, p. 3).

De fato, essa ainda é uma realidade muito presente no Brasil, pois apesar de ser um dos países com o maior número de cursos superiores de moda do mundo, frequentemente se perpetua a noção que “o que vem de fora é melhor” e se aceita que “gostar de moda” já é o suficiente para se escrever sobre isso ou trabalhar no setor sem uma qualificação prévia (AGUIAR, 2015, p.4). Em consulta à plataforma e-MEC (MEC, [s. d.]), ao buscar cursos de graduação pelo termo “moda”, em 2017 identificou-se 217 cursos superiores autorizados pelo MEC em atividade na área de moda, públicos e privados, nas modalidades de bacharelado e cursos superiores de tecnologia. Em consulta no ano seguinte, em 2018, obteve-se 224 cursos. Em 2019, por sua vez, Queiroz (2019, p. 18), registrou 228 cursos. Uma nova consulta em 17 de fevereiro de 2022, resultou em 221 cursos em atividade, sendo 26 deles a distância.

O valor dado ao que é estrangeiro e, sobretudo, europeu e estadunidense, vem de uma dose de “colonialismo” subjacente, somada à tradição em moda que certos países construíram para si, como a França por exemplo. Quando comparado a outras nações, o Brasil ainda é jovem no amadurecimento de uma cultura de moda, pois muitas das formas antigas de se pensar ainda permanecem. Como consequência, por vezes a criação e produção no País se colocam em um patamar de sujeição aos modelos da Europa e dos Estados Unidos ou atuam de acordo com o que se acredita que é o desejo do olhar estrangeiro.

Nessa esteira, é preciso ressaltar que a cópia de artigos e de design estrangeiros não é algo incomum na esfera da “criação de produtos” nem mesmo nos dias atuais, quando o Brasil já dispõe de cursos superiores e especializados na área de moda há mais de 30 anos. Na realidade, a cópia ou a reprodução, embora antiética dentro do conceito de criação, é uma prática globalizada nesse ramo. Em certa medida, a cópia ou a reprodução

fazem parte do ciclo da moda, atuam sobre a dinâmica desse sistema e funcionam como prática legitimadora dos lançamentos, das tendências e dos comportamentos de moda, incluindo como agentes desse processo grandes marcas do *prêt-à-porter*, da Alta-Costura e formadores de opiniões de origens diversas. A noção de massificação de moda vem justamente de uma sequência de reproduções, que podem ser adotadas pelos consumidores conforme seus estilos individuais (JONES, 2005; TREPTOW, 2013).

A moda se move em ciclos que envolvem o tempo de entrada ou lançamento de uma moda e a sua substituição por outra, corresponde aos períodos de mudança. Sua lógica é que os ciclos sejam cada vez mais curtos, de forma a “criar o maior número de modas sucessivas” (SVENDSEN, 2010, p. 34). A noção de massificação de moda vem justamente de uma sequência de reproduções, que podem ser adotadas pelos consumidores conforme seus estilos individuais (FEGHALI, 2008, p. 14; JONES, 2005, p. 50–52; TREPTOW, 2013, p. 22–23). Com o aumento da velocidade de mudança, principalmente a partir da segunda metade do século XX, geralmente relacionada à uma estação, ficou cada vez mais difícil lançar inovações radicais, por isso a moda passou a recorrer a um processo de reciclagem de estilos (SVENDSEN, 2010, p. 34).

Bem, se o objetivo da criação em moda fosse apenas reproduzir, talvez não fosse necessário toda a dedicação e preparação que a formação superior na área exige para desempenhar a profissão (BORGES, M. D. S., 2017, p. 113–114). Então, o que teria mudado da criação em moda no Brasil que se praticava no passado para o presente, após o advento dos cursos superiores na área? Não podemos apresentar respostas assertivas e conclusivas quanto a essa comparação. Sem dúvida, há uma série de continuidades e permanências, mas é fundamental pensar nas funções que a especialização e a verticalização acadêmica da área têm assumido historicamente e o quanto elas são capazes de incitar transformações.

Assim, é essencial o papel do ensino de instigar a geração de produtos e serviços com identidade e diferencial no mercado, com impactos sociais, culturais e econômicos diretos no País. Haja visto que a indústria caminha o sentido de uma produção flexível, em que cada vez mais setores buscam se segmentar para adaptar seus produtos e “atender à demanda por diferenciação” (CARDOSO, 2013, p. 17). É justamente a criação com autoralidade, autonomia, sustentada por um conceito integrador, baseada em um processo de pesquisa aprofundado, reflexivo e crítico, que o ensino superior qualificado pode proporcionar aos profissionais da área.

Nessa conjuntura, desde os anos 1950, a Casa Rhodia desempenhou um papel relevante na formação na área de moda. No período, Rhodia era a filial brasileira da *Rhône-Poulenc*, empresa francesa do setor têxtil que se instalou no Brasil em 1919, trazendo a novidade das fibras artificiais e em 1955 obteve as patentes para a fabricação dos fios

e fibras sintéticas no País (BONADIO, 2005, p. 10) entre 1960-1970. Elaboradas por Lívio Rangan, então diretor de publicidade da empresa, foram executadas pela equipe de profissionais da Standard Propaganda, a fim de criar o gosto pelo fio sintético (produto sobre o qual a Rhodia deteve exclusividade de produção, no país, até 1968. Diante da carência de capacitação da profissionalização da indústria e de pessoal brasileiros, somados aos seus próprios interesses no setor, na virada dos anos 1970 para a década de 1980, a Rhodia começou a realizar periodicamente uma série de cursos com profissionais ligados aos escritórios de estilo parisienses, os quais aconteciam geralmente em São Paulo (AGUIAR, 2015, p. 6; BONADIO, 2005, p. 175–176) a partir da evolução das escolas de moda nacionais constituídas e organizadas de acordo com as Diretrizes Curriculares vigentes, norteadas pelo Ministério da Educação (MEC). Os cursos eram ofertados pela Coordenação Industrial Têxtil (CIT), cuja importância fica mais clara quando se sabe que o órgão foi fundado e sustentado pela Rhodia “para a profissionalização dos estilistas brasileiros, que funcionou entre as décadas de 1970 e 1990, sendo mais forte entre os anos de 1980 e 1990” (MARTINS; MARTINS; BRAGA, 2017, p. 140). Desses profissionais, Bonadio (2005, p. 176) entre 1960-1970. Elaboradas por Lívio Rangan, então diretor de publicidade da empresa, foram executadas pela equipe de profissionais da Standard Propaganda, a fim de criar o gosto pelo fio sintético (produto sobre o qual a Rhodia deteve exclusividade de produção, no país, até 1968 destaca a vinda de

Eliane Hattu, então diretora do *Grupement de La Maille* (escritório que coordenava e programava a moda para 265 das principais indústrias francesas), Dominique Peclers (ex-diretora do Comitê de Coordenação das Indústrias Francesas de Moda e do escritório de estilismo da loja de departamentos *Printemps*) e Marie Ruckie, estilista e diretora da escola de moda francesa *Studio Berçot*. (BONADIO, 2005, p. 176) entre 1960-1970. Elaboradas por Lívio Rangan, então diretor de publicidade da empresa, foram executadas pela equipe de profissionais da Standard Propaganda, a fim de criar o gosto pelo fio sintético (produto sobre o qual a Rhodia deteve exclusividade de produção, no país, até 1968.

Marie Ruckie foi uma importante personagem na instituição da indústria do estilismo na França na década de 1970 (MARTINS; MARTINS, 2015, p. 114). Deste modo, o curso de “estilismo e criação em moda” que ministrava anualmente no Brasil, a partir de 1978, representou um avanço para formação dos profissionais brasileiros. Esse foi o primeiro curso regular que se tem registro com a preocupação em “criar peças exclusivas e [que] não focava apenas em corte e costura” (BORGES, M. D. S., 2017, p. 113). Vera Lúcia Pieruccini Gibert⁹ também foi uma colaboradora atuante do CIT (MARTINS; MARTINS; BRAGA, 2017, p. 125; PIRES, 2002, p. 6).

⁹ Relembra-se que Vera Lúcia Pieruccini Gibert na época era professora da FASM, foi fundadora do primeiro curso de bacharelado em Desenho de Moda do País na mesma instituição e sua primeira coordenadora.

A fim de aumentar suas vendas e ser melhor aceita no mercado nacional, a Rhodia estabeleceu uma proposta de associar seus produtos à criação de uma “moda brasileira”, indicativos de uma autoafirmação de identidade nacional. Para isso, desenvolveu uma série de ações que se iniciaram na década de 1960, mostrando peças confeccionadas a partir de seus tecidos (o produto final) em editoriais na revista “O Cruzeiro”. Entre 1963 e 1970 foram realizados os shows-desfiles na Feira Nacional da Indústria Têxtil (FENIT) em parceria com grandes nomes da moda, artes, teatro, música e dança brasileira (BONADIO, 2005, p. 10–11) entre 1960-1970. Elaboradas por Lívio Rangan, então diretor de publicidade da empresa, foram executadas pela equipe de profissionais da Standard Propaganda, a fim de criar o gosto pelo fio sintético (produto sobre o qual a Rhodia deteve exclusividade de produção, no país, até 1968). O CIT deu continuidade ao projeto da Rhodia, mas também respondia às exigências que surgiam naquele contexto, inclusive o desejo de originalidade e identidade dos produtos de moda nacionais.

No início dos anos 1980, há um interesse renovado pela moda e uma maior organização do setor¹⁰. O aquecimento da economia, a abertura do mercado, o crescimento e a instalação de novas indústrias ligadas à fiação, aos têxteis, ao vestuário e à confecção, assim como o surgimento de cursos de design de moda, principalmente, no hemisfério norte, estimularam o consumo e a produção na área, colaboraram com o fortalecimento do setor no Brasil e o desenvolvimento de cursos de qualificação. O setor têxtil e de confecção passaram a incentivar a criação de cursos técnicos voltados para a área da moda, com o objetivo de obter profissionais que pudessem auxiliá-los a serem mais competitivos dentro das demandas do mercado que se constituía (PIRES, 2002, p. 2). A busca não era por profissionais que apenas soubessem reproduzir tendências estrangeiras, mas que fossem habilitados em criação de moda, em seu sistema de produção e mecanismos (AGUIAR, 2015, p. 4; PIRES, 2002, p. 4).

Seguindo essa direção, são criados novos cursos profissionalizantes para o ensino da criação de moda no Brasil, principalmente nas regiões de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte (PIRES, 2002, p. 2). Em 1985, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial- Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil (SENAI-CETIQT) do Rio de Janeiro criou o primeiro curso de longa duração para o ensino da criação de moda em nível técnico (PIRES, 2002, p. 2). O que se nota, é que existiu um esforço coletivo pelo aprimoramento técnico e profissional da moda, que também envolveu investimentos em tecnologias e trazer especialistas estrangeiros que prestassem consultorias às indústrias têxteis e de confecção (LEITÃO, 2007, p. 17–18). Desse modo, percebe-se que os cursos técnicos e profissionalizantes colaboraram para o surgimento dos primeiros cursos superiores no fim dos anos 1980 e anos 1990. Dentro desse processo, os cursos de formação em moda

¹⁰ Em 1982, funda-se a Associação Brasileira do Vestuário (ABRAVEST) em defesa dos interesses da indústria do vestuário.

começaram a consolidar seu escopo para a área do “fazer”, orientando-se principalmente para o desenvolvimento do vestuário (BORGES, M. D. S., 2017, p. 113; PIRES, 2002, p. 2).

No ano de 1986, acontece o marco de entrada do ensino da área de moda na academia, quando a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) inicia o curso de extensão de “Estilismo e Modelagem do Vestuário”. O curso de extensão eventualmente deu origem ao bacharelado em “Design de Moda” da UFMG, criado somente em 2009 (AGUIAR, 2015, p. 5; JERONYMO, 2007; MEC, [s. d.]; PIRES, 2002, p. 4; UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS- UFMG, 2019).

No ano seguinte à iniciativa da UFMG, em 1987, ocorreu uma primeira tentativa de trazer para o Brasil a ESMOD, a tradicional Escola Superior de Artes e Técnicas da Moda parisiense, mas o convênio acabou sendo suspenso. Em 1994, a parceria entre a escola se efetivou com o SENAC-São Paulo em curso profissionalizante de nível médio. Em 1998, esse curso foi absorvido pelo recém-criado Centro de Educação e transformado em ensino superior (PIRES, 2002, p. 4–5), que passou a aplicar os métodos de ensino da ESMOD em disciplinas do bacharelado em moda (SENAC SÃO PAULO, 2003, sem página).

Finalmente, em 1987, é criado o primeiro curso superior na área de moda no Brasil, a instituição pioneira foi a já mencionada Faculdade Santa Marcelina (FASM), com o bacharelado de “Desenho de Moda”; seguida em 1990 pelo curso de “Moda” da Universidade Paulista (UNIP) e pelo bacharelado em “Negócios da Moda” da Universidade Anhembi Morumbi (UAM) (BONADIO, 2010; MARINHO, 2005; SANCHES, 2006). Os três primeiros cursos superiores surgem em faculdades particulares na região de São Paulo e até hoje a cidade permanece uma referência do ensino em design e em moda.

Quadro 1- Primeiros cursos superiores na área de moda do Brasil.

Ano de início	U.F.	Local (Cidade)	Sigla IES	IES	Graduações de Moda
1987	SP	São Paulo	FASM	Faculdade Santa Marcelina	Desenho de Moda
1990	SP	São Paulo	UNIP	Universidade Paulista	Moda
1990	SP	São Paulo	UAM	Universidade Anhembi Morumbi	Negócios da Moda

Fonte: Adaptado de Sanches (2006), 2018.

Em 1992, passa a ser ofertado no Rio Grande Sul, pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), “Moda e Estilismo”, o primeiro curso superior na área de moda fora de São Paulo, esse na modalidade tecnólogo (BONADIO, 2010; SANCHES, 2006). Somente a partir de 1994, tem início o funcionamento do primeiro curso ofertado por universidade pública, o bacharelado em “Estilismo e Moda” na Universidade Federal do Ceará (UFC);

seguido em 1996 por “Moda- Estilismo”, na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e por “Design de Moda”, na Universidade Federal de Goiás (UFG) (BONADIO, 2010; MEC, [s. d.]; SANCHES, 2006).

É interessante mencionar que o curso de “Estilismo e Moda” da UFC, criado em 1994, também foi uma evolução do “Curso de Extensão em Moda” que foi ofertado a partir de 1989, que era promovido pelo Departamento de Economia Doméstica, do Centro de Ciências Agrárias, em parceria com o Centro Tecnológico Confecções do Estado (CTCC) (MARQUES, 2014, p. 132–133). Por sua vez, também anota-se que a criação do curso de moda foi extremamente vinculada à pré-existência do curso de “Economia Doméstica” e aos fazeres manuais, de modo que “67% das disciplinas do curso eram ofertadas e assumidas pelo Departamento de Economia Doméstica”, como afirma Marques (MARQUES, 2014, p. 136).

Outras universidades públicas, próximas de polos têxteis e de confecção, também passaram a oferecer cursos: em 1997, inicia o curso “Estilismo em Moda” na Universidade Estadual de Londrina¹¹; em 1999, “Administração da Produção do Vestuário” na Universidade Federal de Pelotas, com uma abordagem de formação diferente, porém relevante para a consolidação do campo; em 2002 “Moda” na Universidade Estadual de Maringá (SANCHES, 2006, p. 41). Em 1997, a Fundação Regional de Blumenau (FURB), universidade situada em Santa Catarina, inicia a oferta do bacharelado em “Moda- Estilismo Industrial”, entretanto, embora seja considerada uma instituição pública municipal de ensino superior, ela coleta mensalidades¹².

Quadro 2- Oferta de cursos superiores na área de moda em universidade públicas e gratuitas no Brasil.

Ano de início	U.F.	Local (Cidade)	IES pública e gratuita	Nome do Curso
1994	CE	Fortaleza	UFC- Universidade Federal Do Ceará	Moda
1996	SC	Florianópolis	UDESC- Universidade Do Estado De Santa Catarina	Moda- Estilismo
1996	GO	Goiânia	UFG- Universidade Federal de Goiás	Design de Moda
1997	PR	Londrina	UEL- Universidade Estadual de Londrina	Estilismo em Moda
2002	PR	Cianorte	UEM- Universidade Estadual de Maringá	Moda

11 Reforça-se novamente que as datas de início dos primeiros cursos superiores de moda no Brasil são distintas entre Pires (2002) e Sanches (2006), sendo que Marinho (2005) e Bonadio (2010) corroboram com os dados de Sanches.

12 A cobrança de mensalidade é possível devido a um dispositivo da Constituição Federal Brasileira de 1988 (vigente), que garantiu esse direito às instituições de ensino superior públicas (em sua maioria municipais) que as cobrassem previamente (MACHADO, 2018; SENADO FEDERAL, 1988). A resolução Nº 35/2010, de 28 de junho de 2010, da Prefeitura de Blumenau, que homologa o Estatuto da Fundação Universidade Regional de Blumenau – FURB, em seu título I, artigo 1º, declara que a FURB é “pessoa jurídica de direito público interno e integrante da Administração Pública Indireta do Município de Blumenau na forma de Autarquia Municipal de regime especial” (BLUMENAU [SC], 2010). Esta resolução pode ser consultada a partir do Decreto Nº 9199, de 30 de junho de 2010, da Prefeitura de Blumenau.

2003	MG	Passos	UEMG- Universidade Do Estado de Minas Gerais	Moda e Design
2005	SP	São Paulo	USP- Universidade de São Paulo	Têxtil e Moda
2009	MG	Belo Horizonte	UFMG- Universidade Federal de Minas Gerais	Design de Moda
2009	PI	Teresina	UFPI- Universidade Federal do Piauí	Moda, Design e Estilismo
2011	MG	Juiz De Fora	UFJF- Universidade Federal de Juiz de Fora	Moda

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Sanches (2006) e Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior Cadastro e-MEC (MEC, [s. d.]).

Considerando que o levantamento realizado por Sanches vai até 2006, em consulta ao e-MEC, identificou-se novas universidades públicas com oferta de graduações na área de moda: em 2003, “Moda e Design” na Universidade Do Estado De Minas Gerais (UEMG); em 2005, “Têxtil e Moda” na Universidade de São Paulo (USP); em 2009 “Design de Moda” na Universidade Federal De Minas Gerais (UFMG); em 2009, “Moda, Design e Estilismo” na Universidade Federal Do Piauí (UFPI); em 2011, “Moda” na Universidade Federal De Juiz De Fora (UFJF).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se delinea os marcos do surgimento dos cursos superiores na área de moda no Brasil, é notável o vínculo dos primeiros cursos com o campo das artes e do design. Nesse cenário, é preciso lembrar que o pensamento e a atividade projetual pertencem a algumas áreas profissionais além da moda e do design, como arquitetura, artes, engenharia e fazeres manuais. Em função disso, lembra-se da importância dos cursos de arquitetura, que promoveram a formação e a base referencial de vários cursos de design do País; da Escola de ULM (HFG-ULM), que influencia a constituição de vários cursos de design industrial, de produtos e gráfico; e antes disso, das escolas técnicas com cursos profissionalizantes, como o Liceu de Artes e Ofícios; e das escolas com cursos livres (IAC-MASP, ETC-MAM-RJ, entre muitas outras), que formavam costureiras, modelistas, desenhistas, figurinistas entre outras profissionais que atravessaram a moda e também colaboraram com a instauração do ensino formal nessa área.

No eixo das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, havia um contato maior com o design e seus profissionais, pois existiam cursos de “Desenho Industrial” nessa região, mas o mesmo não acontecia nas demais regiões do País. Pode-se inferir que a emergência dos primeiros cursos superiores de moda em faculdades particulares na cidade de São Paulo e sua posterior consolidação, foi impulsionada pelo amadurecimento das indústrias têxtil e de confecção, que ao longo dos anos 1980 consolidaram uma demanda

por profissionais mais qualificados, capazes de melhorar os produtos nacionais e competir com o mercado externo.

Assim, a fundação dos primeiros cursos almejava formar um profissional qualificado para fomentar a indústria de moda brasileira e inová-la, diante das transformações econômicas do mercado nacional. Foi necessária a coordenação de condições sociais, de interesses individuais, institucionais e de mercado para a implantação dos cursos de moda o fim dos anos 1980. Essa necessidade não era exclusiva de São Paulo, assim, os fatores que instigaram a formação dos cursos nessa região podem ser pensados também para outras partes do Brasil. Porém, essa generalização é feita com as devidas ressalvas em relação ao desenvolvimento econômico e industrial de São Paulo, que junto com o Rio de Janeiro, perfazem um eixo hegemônico de cultura e negócios do País. Cabe ainda salientar que a oferta de cursos superiores na área de moda também está relacionada ao fortalecimento do consumo e de uma cultura de moda no Brasil, que contou com a ação de diversos agentes e se intensifica em meados dos anos 1990 (Cf. BONADIO, 2010; MARINHO, 2005; PIRES, 2002; ROSA JÚNIOR; HERMES, 2017).

Portanto, é compreensível que o percurso de construção dos cursos superiores na área de moda, tanto no Brasil quanto no exterior, tenha acontecido de forma integrada com as mudanças sociais, históricas, econômicas, sendo influenciada pelos fatores que tecem as realidades locais e globais.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Grazyella Cristina Oliveira de. Cursos superiores de moda no Brasil: regulamentações, evoluções e perspectivas. *In:* , 2015, Curitiba. **Anais do 11º Colóquio de Moda – 8ª Edição Internacional; 2º Congresso Brasileiro de Iniciação Científica em Design e Moda**. Curitiba: Abepem; Universidade Positivo, 2015. p. 1–15. Disponível em: http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/11-Coloquio-de-Moda_2015/ARTIGOS-DE-GT/GT01-EDUCACAO-TEORIA-E-PRATICA-EM-MODA/GT-1-CURSOS-SUPERIORES-DE-MODA-NO-BRASIL.pdf

BLUMENAU [SC]. Decreto no 9199, de 30 de junho de 2010. Homologa o Estatuto da Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB, Resolução no 35, de 28 de junho de 2010. **Boletim Oficial do Município (BOM)**, nº 1478, Registro GRP: 293324, Blumenau, SC, Brasil, p. 7, 2010. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/decreto/2010/920/9199/decreto-n-9199-2010-homologa-o-estatuto-da-fundacao-universidade-regional-de-blumenau-furb?q=9199>. Acesso em: 18 jul. 2019.

BOF. ESMOD International: The International Fashion Design & Business School since 1841 Creation, creativity, technical, innovation, and Know-How. **The Business of Fashion**, [s. l.], 2019. Disponível em: <https://www.businessoffashion.com/organisations/esmod>. Acesso em: 23 jun. 2019.

BONADIO, Maria Claudia. A produção acadêmica sobre moda na pós-graduação stricto sensu no Brasil. **IARA: Revista de Moda, Cultura e Arte**, São Paulo, SP, Brasil, v. 3, n. 3, p. 50–146, 2010. Disponível em: http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2015/01/03_IARA_vol3_n3_Dossie.pdf

BONADIO, Maria Claudia. **O fio sintético e um show!: moda, política e publicidade; Rhodia S. A., 1960-1970**. 269 f. 2005. - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil, 2005. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279891>. Acesso em: 29 jun. 2019.

BORGES, Marcia De Souza. Problematizando a formação superior em Moda. **dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, [s. l.], v. 10, n. 21, p. 111, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.26563/dobras.v10i21.557>

CALDAS, Dário. **Universo da moda**. São Paulo, SP, Brasil: Anhembi Morumbi, 1999.

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. 1. ed. São Paulo, SP, Brasil: Cosac Naify, 2013. ISSN 1098-6596.

CARDOSO, Rafael. **Uma introdução à história do design**. 3. ed. São Paulo, SP, Brasil: Blucher, 2008. *E-book*.

CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização**. 2. ed. São Paulo, SP; Brasília, DF, Brasil: UNESCO; FLACSO, 2005.

DELGADO, Daniela. Fast fashion: estratégia para conquista do mercado globalizado. **ModaPalavra e-periódico**, Florianópolis, SC, Brasil, v. 1, n. 2, p. 3–10, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5140/514051713003.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2021.

FEGHALI, Marta Kasznar. Batendo perna: Forças que influenciam o comportamento do consumidor. In: FEGHALI, Marta Kasznar *et al.* (org.). **O ciclo da moda**. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: [s. n.], 2008. p. 13–46.

JERONYMO, Mauro Lúcio. A moda vai muito além dos estilistas. **Universidade Federal de Minas Gerais: Boletim**, Belo Horizonte, MG, Brasil, v. Ano 33, 16, n. 1573, 2007. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/publicacoes/boletim/edicao/1573/a-moda-vai-muito-alem-dos-estilistas-1>. Acesso em: 14 abr. 2021.

JONES, Sue Jenkyn. **Fashion Design**. São Paulo, SP, Brasil: Cosac Naify, 2005.

LEITÃO, Débora Krischke. **Brasil à moda da casa: imagens da nação na moda brasileira contemporânea**. 2007. - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil, 2007. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000592178&loc=2007&l=95c0b715f4e1de72>. Acesso em: 29 jun. 2019.

LOBENTHAL, Joel. **Radical Rags: Fashions of the Sixties**. Nova York, Estados Unidos: Abbeville Press, 1990. *E-book*.

MACHADO, Pedro. Reitora eleita da Furb fala sobre possibilidade de financiamento federal da universidade. **NSC Total**, 26, 2018. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/colunistas/pedro-machado/reitora-eleita-da-furb-fala-sobre-possibilidade-de-financiamento-federal>

MARINHO, Maria Gabriela S. M. C. Ensino superior de moda: condicionantes sociais e institucionalização acadêmica em São Paulo. Uma abordagem histórica. *In*: WAJNMAN, Solange; ALMEIDA, Adilson José de (org.). **Moda, comunicação e cultura: um olhar acadêmico**. São Paulo: Editora Arte e Ciência, 2005. p. 15–28.

MARQUES, Cynthia Tavares. **Do estilismo ao design : os currículos do bacharelado em moda da Universidade Federal do Ceará**. 197 f. 2014. - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Fortaleza, CE, Brasil, 2014.

MARTINS, Leilane Rigatto; MARTINS, Sérgio Régis Moreira. O conceito pioneiro de estilismo na Faculdade Santa Marcelina. **dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, [s. l.], v. 8, n. 18, p. 113–122, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.26563/dobras.v8i18.108>. Acesso em: 28 jun. 2019.

MARTINS, Leilane Rigatto; MARTINS, Sérgio Régis Moreira; BRAGA, Marcos da Costa. Diálogo entre Design, Arte e Moda e o Nascimento dos Ideais de Projeto e Estilismo no Brasil por Meio das Iniciativas do MASP e Rhodia. **Revista de Ensino em Artes, Moda e Design**, Florianópolis, SC, Brasil, v. 1, n. 1, p. 122–148, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5965/25944630112017122>. Acesso em: 28 jun. 2019.

MATTOS, Maria de Fátima da Silva Costa Garcia de. A formação profissional feminina: memória e representação. *In*: MATTOS, Maria de Fátima da Silva Costa Garcia de (org.). **Pesquisa e formação em moda**. São Paulo, SP: Abepem; Estação das letras e cores, 2015. p. 13–35.

MEC, Ministério da Educação. **Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior, Cadastro e-MEC**. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 17 fev. 2022.

MOURA, Monica; LAGO, Lílian. Ensino e pesquisa científica no design e na moda no Brasil: caminhos que se cruzam e se realimentam. *In*: MATTOS, Maria de Fátima da Silva Costa Garcia de (org.). **Pesquisa e formação em moda**. São Paulo, SP, Brasil: Abepem; Estação das letras e cores, 2015. p. 37–67.

NIEMEYER, Lucy. **Design no Brasil: origens e instalação**. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: 2AB, 2007.

PASSINI, Thisa; SCHEMES, Claudia; ARAUJO, Denise Castilhos de. Alta costura nacional: Rui Spohr, um ícone da moda gaúcha. **Modapalavra E-periódico**, [s. l.], n. 4, p. 62–79, 2009. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/7691>. Acesso em: 24 jun. 2019.

PIRES, Dorotéia Baduy. A história dos cursos de design de moda no Brasil. **Revista Nexos: Estudos em Comunicação e Educação**, [s. l.], v. 9, p. 1–13, 2002.

QS TOPUNIVERSITIES. ESMOD. **Topuniversities**, [s. l.], 2019. Disponível em: <https://www.topuniversities.com/universities/esmod/undergrad>. Acesso em: 29 jun. 2019.

QUEIROZ, Cyntia Tavares Marques de. Construção e legitimação de um campo do saber: o design de moda no Brasil. **EnsinarMode: Revista de Ensino em Arte, Moda e Design**, Florianópolis, SC, Brasil, v. 3, n. 2, p. 09–24, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5965/25944630322019009>. Acesso em: 12 set. 2019.

ROSA JÚNIOR, João Dalla; HERMES, Carolina Casarin da Fonseca. O Curso de Design de Moda da Faculdade SENAI CETIQT: uma leitura curricular. **Revista de Ensino em Artes, Moda e Design**, Brasil, v. 1, n. 1, p. 29–55, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5965/25944630112017027>. Acesso em: 25 mar. 2019.

SANCHES, Lucinéia. **Os moldes da moda: Um estudo sobre o estado dos cursos de formação em moda no Brasil**. 120 f. 2006. - UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU – FURB, Blumenau, SC, Brasil, 2006. Disponível em: http://www.bc.furb.br/docs/TE/2006/309523_1_1.pdf. Acesso em: 1 jun. 2019.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. Prêt-à-Porter, discussões em torno de seu surgimento e relação com a Alta-Costura francesa. **Projética**, Londrina, PR, Brasil, v. 2, n. 2, p. 114–127, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/2236-2207.2011v2n2p114>. Acesso em: 11 abr. 2021.

SEIVEWRIGHT, Simon. **Fundamentos de design de moda: Pesquisa e design**. Tradução: Edson Furmankiewicz. São Paulo, SP, Brasil: Bookman, 2009. ISSN 1098-6596.

SENAC SÃO PAULO. Senac tem convênio com Esmod, a mais famosa escola de moda do mundo. **Senac**, [s. l.], 2003. Disponível em: <http://www.sp.senac.br/jsp/default.jsp?tab=00002&subTab=00000&newsID=a640.htm&testeira=453>. Acesso em: 23 jun. 2019.

SENADO FEDERAL. Constituição da República Federativa do Brasil. **Texto constitucional originalmente publicado no Diário Oficial da União de 5 de outubro de 1988.**, [s. l.], 1988. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s13398-014-0173-7.2>

STEELE, Valerie (org.). **Encyclopedia of clothing and fashion. Volume 1: Academic Dress to Eyeglasses**. Farmington Hills, Michigan, Estados Unidos: Thomson Gale, 2005.

SVENDSEN, Lars. **Moda: uma filosofia**. Tradução: Maria Luiza X. de a. Borges. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Zahar, 2010.

TREPTOW, Doris. **Inventando moda: planejamento de coleção**. 4. ed. Brusque, SC, Brasil: Ed. da Autora, 2013.

UERJ, Universidade do Estado do Rio de Janeiro; ESDI, Escola Superior de Desenho Industrial. **Escola Superior de Desenho Industrial - UERJ. História**. [S. l.], 2017. Disponível em: <http://www.esdi.uerj.br/a-esdi/historia>. Acesso em: 8 abr. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS- UFMG. Design de Moda. **Diversa**, [s. l.], n. 21, 2019. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/publicacoes/revista-diversa/edicao/21/design-de-moda>. Acesso em: 29 jun. 2019.

VILLIEN, François. **Eugénie Jeanne Villien Soeur Eugénie de la Croix (Eugénie Jeanne VILLIEN)**. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://gw.geneanet.org/franvil?lang=fr&pz=fran-cois+marie+antoine&nz=villien&p=eugenie+jeanne&n=villien>. Acesso em: 17 fev. 2022.

Data de submissão: 23/09/2021

Data de aceite: 18/03/2022

Data de publicação: 02/05/2022

